

Em Samambaia, poeira e otimismo

A poeira que sobe das ruas sem asfalto n-ao tira o ânimo das famílias removidas da invas-ao de Boca da Mata para os lotes semi-urbanizados da Samambaia. Em 25 dias de trabalho, as equipes da Secretaria do Serviço Social e Administração Regional de Taguatinga assentaram 1 mil 105 famílias — 68 foram transferidas de Vila Xavier — mas a meta até o fim deste mês me a remoção de todos os invasores de Vila Parafuso, Colina, Lixão e Asa Norie.

Nos caminhões fretados pela Novacap são transportados móveis e material dos barracos removidos. Os moradores chegam logo depois e passam por um processo de checagem do cadastro, até serem encaminhados aos respectivos lotes pelos agentes sociais espalhados pela área.

A infra-estrutura disponível nos lotes funciona de forma improvisada, suprimindo apenas as necessidades básicas dos moradores, devendo ser melhorada nos próximos meses, segundo a coordenadora de assentamento, Julimar Camargo. O fornecimento de água é feito através de 9 chafarizes instalados ao longo da rua principal do assentamento, enquanto não é construída a rede de água e esgoto.

LOTERIA

Os postes de iluminação pública est-ao sendo instalados para ligac-oes de energia nos barracos. Na área central do assentamento foi consiruída uma escola de 1º grau e um posto de saúde. A segurança fica a cargo de do s destacamentos da Polícia Militar, que atuam nos três turnos. Enquanto o asfalto não chega, 40 ônibus circulam por Samambaia, mas a frota será ampliada depois de concluída a pavimentac-ao das ruas.

O presidente da Associação dos Inquilinos Unidos de Taguatinga e Invasores, José Vieira, disse que a remoção tem o mesmo significado de acertar na loteria. “Está saindo do jeito que nós queríamos,” admite. O prêmio a que se refere José Vieira é a taxa a ser paga por cada um dos moradores — NCZ\$ 6 — por lotes de 21 metros qua-

drados ou terrenos ampliados para comércio.

Ao tomar posse dos lotes, os novos moradores assinam uma guá de propriedade com a descrição do imóvel. No caso de famílias constituídas informalmente, os lotes s-ao registrados no nome da mulher. “E para dar proteção”, explica uma agente social. As mulheres des-casadas contam ainda com ajuda de marceneiros da fundação

F. GUALBERTO

para reerguerem seus barracos.

Maria Francisca da Silva, assentada na última segunda-feira, só lamentou a falta de energia elétrica. “O resto eu estou adorando”, garante. Mãe de 6 filhos, Bulga, como é mais conhecida, já conquistou a simpatia da vizinhança com as cocadas que prepara, alimentando o projeto de ampliar futuramente o barraco que hoje divide em um quarto, sala e cozinha.



Infra-estrutura precária não desanima os moradores